

APRESENTAÇÃO DA TN 53¹

Alcidema Magalhães²

Márcio Douglas Brito Amaral³

Como podemos compreender as relações entre trabalho, educação e territórios de luta à luz do marxismo? O território como categoria teórica e prática em sua articulação com a educação pode contribuir no desvelamento de novas facetas do capital e das formas de enfrentá-lo? Na contramão de uma educação mercadológica, quais as possibilidades de emergirem práticas político-educativas que, articuladas à defesa do território, tenham como horizonte a emancipação humana, consideradas as relações de classe, religiosidade, geração, gênero, raça e etnia ?

Movidos por essas questões, pesquisadores e pesquisadoras de diversas regiões do país reúnem, neste número 53 da revista *Trabalho Necessário*, sob a temática **Marxismo, Educação e Territórios de Luta**, reflexões que buscam problematizar, contextualizar e ampliar o debate, formulando novas perguntas e apontando caminhos para a construção de uma educação emancipatória e territorializada. Assim, o número temático da *Revista Trabalho Necessário* se apresenta como uma contribuição relevante ao campo educacional, ao tomar o território como categoria importante para a compreensão das contradições do capital e das possibilidades de sua superação.

Neste número temático (TN 53), a categoria território, compreendida também como prática e como expressão de luta, orienta a seção HOMENAGEM com o texto “Quando a classe trabalhadora chega à universidade: uma homenagem a Ariovaldo

¹ Apresentação recebida em 28/03/2026. Aprovado em 05/04/2026. Publicado em 22/04/2026.
DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i53.68812>

² Doutora em Educação/Universidade Federal do Pará - UFPA. Professora da Faculdade de Geografia e Cartografia e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPGeo-UFPA.
E-mail: alcidema@ufpa.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7536-5184>.
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7484794171047694>.

³ Doutor em Geografia Humana/ Universidade de São Paulo- USP. Professor da Faculdade de Geografia e Cartografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPGeo-UFPA.
E-mail: marcioamaral@ufpa.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2094-3044>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6997234298024427>

Umbelino de Oliveira e sua rebeldia necessária para a Geografia”, de **Carlos Alberto Feliciano** (UNESP). A homenagem resgata a trajetória intelectual e política do professor da USP, falecido em 02 de agosto de 2025, destacando sua contribuição crítica para a Geografia brasileira e seu compromisso com as lutas da classe trabalhadora, reafirmando o território como espaço de disputa, resistência e transformação social. Ariovaldo Umbelino de Oliveira, como intelectual da prática e da teoria, destacou-se pelo rigor de suas pesquisas comprometidas com os sujeitos historicamente expropriados, deixando uma contribuição incontornável para a Geografia crítica.

Na seção TEXTOS CLÁSSICOS, recuperamos um de seus textos, apresentado como clássico *“Categorias do método: Espaço e Tempo: compreensão materialista dialética”*, que expressa a densidade de seu pensamento. O texto é acompanhado por uma apresentação igualmente rigorosa dos professores **Márcio Douglas Brito Amaral (UFPA)** e **Marcos Alexandre (UNIFESSPA)**, intitulada *“Espaço e Tempo: breves notas de uma perspectiva materialista e dialética na Geografia”*, que contribui para situar e aprofundar a atualidade das reflexões do autor no campo geográfico.

A seção ARTIGOS DO NÚMERO TEMÁTICO reúne 13 textos que articulam educação e território sob a lente do materialismo histórico-dialético, apresentando diferentes dimensões das lutas sociais, dos processos formativos e das disputas territoriais no campo brasileiro e amazônico.

O número se inicia com o artigo de **Miriam Cléa Coelho Almeida**, *“Uma leitura dos territórios quilombolas sob a categoria da totalidade”*, que analisa os territórios quilombolas à luz da matriz marxista, mobilizando a categoria da totalidade, a centralidade do trabalho e a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. A autora desvela os processos históricos de constituição desses territórios, bem como as formas contemporâneas de luta e resistência.

Na sequência, **Juliane Soares Ribeiro**, em *“Agronegócio e a disputa de territórios da reforma agrária”*, analisa os assentamentos como territórios tensionados pela expansão do agronegócio, expressa no arrendamento de terras, na redução da produção de alimentos e no enfraquecimento organizativo, problematizando os limites e potencialidades das experiências contra-hegemônicas, especialmente protagonizadas por mulheres.

O artigo *“42 anos do MST: reforma agrária popular e educação do campo”*

como *bandeiras de luta*”, de **Sandra Gunkel, Adriana Medeiros Farias e Marcos Vinicius Francisco**, analisa a trajetória do MST, articulando reforma agrária e educação do campo como pilares de seu projeto político-pedagógico, destacando os desafios de sua materialização frente às pressões do agronegócio.

Rogério Miranda, em *“O MST e a produção da contra-hegemonia territorial pela educação”*, analisa a atuação do movimento no sudeste do Pará, destacando a educação como eixo estratégico de disputa territorial, inspirada na filosofia da práxis de Antonio Gramsci, e evidenciando tanto seu potencial quanto seus desafios.

Juliana Ferreira de Sousa, em *“Construção de conhecimentos e práxis camponesa e operária na reconfiguração da cadeia produtiva do leite”*, discute a produção de saberes no cotidiano do trabalho, ressaltando a práxis como espaço formativo atravessado por contradições sociais e produtivas.

No artigo *“Trabalho, território e formação por alternância”*, **Alcidema Magalhães, Samuel Renier e Ronaldo Araujo** analisam a Pedagogia da Alternância como prática que articula trabalho e território, destacando seu caráter político, pedagógico e social, ao mesmo tempo em que apontam seus desafios enquanto proposta formativa crítica.

Célia Vendramini, em *“Expulsão do território e movimentos migratórios”*, interpreta as migrações como resultado de territórios de expulsão sob domínio do capital, propondo uma crítica à multiculturalidade e defendendo uma interculturalidade de base material.

Em *“Território e resistência: a luta pelo direito à terra em quilombos na Bahia”*, **Renné da Glória Andrade** analisa o território como espaço de memória e luta, problematizando os limites dos processos de demarcação frente às pressões do capital.

Thaís Pimenta Pimentel e Maria José Aviz do Rosário, no artigo *“Projeto Político Pedagógico e Educação Escolar Quilombola”*, analisam o PPP de uma escola quilombola, destacando a construção de um currículo territorializado e os desafios de sua efetivação prática.

Larissa Bulhões e Thuanny Aparecida Nogueira, em *“Na plateia vendo a própria extinção”*, discutem o papel da educação na disputa de consciências frente ao colapso planetário, enfatizando a Lei 11.645/2008 e a necessidade de uma formação crítica e anticapitalista.

João Batista Wanzeler e Doriedson dos Socorro Rodrigues, em

“Processos formativos de trabalhadores(as) na Amazônia: entre racionalidades e subjetividades”, analisam os processos formativos no movimento sindical rural, destacando a construção de sujeitos coletivos e os desafios de autonomia frente às pressões do capital.

Egídio Martins e Wilmenson Alfaia Moreira, em *“O saber dos movimentos sociais e a luta por território”*, destacam a importância dos saberes construídos nas lutas sociais no Baixo Tocantins, ressaltando a formação da consciência de classe e os desafios de sua atualização no contexto contemporâneo.

Por fim, em *“Revisitando o conceito de classe social no materialismo histórico”*, **Marise Ramos** retoma a categoria de classe social, articulando as formulações de Karl Marx e Friedrich Engels com releituras de Antonio Gramsci, E. P. Thompson e Ricardo Antunes. O texto reflete sobre as transformações contemporâneas do trabalho, destacando a redução do trabalho vivo e a reconfiguração do assalariamento, propondo compreender a classe como um processo dinâmico, atravessado por experiências e contradições atuais.

Em conjunto, os artigos revelam a centralidade do território como espaço de disputa, formação e resistência, ao mesmo tempo em que expõe as contradições e os desafios enfrentados pelos sujeitos coletivos na construção de alternativas ao modelo hegemônico. Os ensaios a seguir também contribuem para revelar a partir de imagens, fotografias e depoimentos a materialidade dos territórios de lutas, trabalho e educação.

Na seção ENSAIOS DO NÚMERO TEMÁTICO, reunimos produções que transitam da Argentina à Amazônia, expressando diferentes dimensões da luta e da resistência que articulam trabalho e saberes de mulheres e homens da classe trabalhadora.

O ensaio fotográfico *“Mujeres de mi tierra que tejen memoria, comunidad y futuro”*, de **Andrea Silvina Morales** (Universidad Nacional de Catamarca- Argentina), constrói uma narrativa sensível que articula memória, território e experiência pessoal, destacando o papel das mulheres em contextos rurais. Ao assumir um caráter autobiográfico, o trabalho ganha densidade afetiva e política, situando as imagens como expressão de pertencimento, reconhecimento e valorização da vida comunitária.

Na sequência, **Ronaldo Araujo** apresenta o vídeo-documentário *“Trabalho Amazônia”*, produzido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e

Educação (GEPTE/UFGA). Com duração de 25 minutos, o documentário propõe uma leitura do trabalho tradicional na Amazônia a partir da perspectiva marxista, destacando suas especificidades territoriais, culturais e históricas, bem como suas tensões com a lógica capitalista. Ao valorizar práticas produtivas baseadas em saberes tradicionais e na produção voltada à reprodução da vida, o material revela tanto a riqueza desses modos de trabalho quanto os desafios de sua afirmação como alternativa no contexto atual.

Por fim, o vídeo *“Acordo de Pesca: Abertura da Pesca”*, de **Ariete Pastana Leão** (mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação da UFGA e do Laboratório de Cartografia Social e Geoprocessamento do Baixo Tocantins – LABCARTS), apresenta uma narrativa que articula memória, território e resistência das comunidades ribeirinhas do Baixo Tocantins. Ao destacar os Acordos de Pesca como estratégia coletiva frente aos impactos da Usina de Tucuruí e às ameaças contemporâneas ao rio, o trabalho apresenta a potência organizativa dessas populações, bem como a centralidade dos saberes cotidianos na defesa de seus territórios de vida.

Na seção RESENHAS, reunimos dois textos que colocam a questão ambiental no centro do debate sobre o capitalismo global, articulando crítica teórica e experiências concretas de enfrentamento.

A resenha de **João Henrique Souza Pires** aborda o livro *“A educação ambiental anticapitalista: produção destrutiva, trabalho associado e agroecologia”*, de Henrique Tahan Novaes. A obra articula três eixos: as escolas de agroecologia do MST, as experiências de trabalho associado na América Latina e o debate teórico sobre produção associada e ecossocialismo, ancorando-se em autores como Karl Marx, István Mészáros, Michael Löwy, John Bellamy Foster e Kohei Saito. A análise destaca práticas que tensionam a lógica do capital e apontam para formas coletivas de produção e reprodução da vida.

Na sequência, **Thiago Ribeiro** (IFF), em *“Lendo O capital no Antropoceno do Sul da América”*, apresenta uma leitura crítica da obra *O capital no Antropoceno*, de Kohei Saito. O texto revela o diagnóstico marxista da crise ecológica e sua relação com a acumulação capitalista, bem como a proposta do “comunismo do decrescimento”. Ao mesmo tempo, ressalta a necessidade de tensionar essa leitura a partir das especificidades do contexto brasileiro e latino-americano, refletindo sobre seus limites e possibilidades no Sul Global.

Em conjunto, as resenhas reforçam a centralidade da questão ambiental na crítica ao capitalismo contemporâneo e apontam para a construção de alternativas ancoradas em práticas coletivas e territorializadas.

A ENTREVISTA deste número, realizada por Aline Caldeira Lopes e Jacqueline Botelho, foi feita com Bertolino Dorotéa de Lima Filho, fundador e diretor da Associação de Remanescentes Quilombolas da Ilha da Marambaia (Arquimar), de Mangaratiba, no estado do Rio de Janeiro. O território tradicional, reconhecido em 2015, é compartilhado com a Marinha do Brasil, que desde a década de 1970 está presente por meio do Centro de Adestramento Militar da Ilha da Marambaia (CADIM).

Na seção TESES E DISSERTAÇÕES, apresentamos duas teses que contribuem para o debate sobre educação, território e trabalho na Amazônia paraense. A tese *“Infância e formação do ser social na contradição capital e trabalho: experiência em território quilombola na Amazônia paraense”*, de **Izabel Rodrigues**, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/UFPA), investiga a formação de crianças quilombolas na comunidade de Mupi-Torrão (Cametá-PA). O estudo compreende essas crianças como sujeitos ativos na construção de saberes, identidades e modos de vida, destacando o trabalho como mediação formativa fundamental. Ao apontar a possibilidade de construção de subjetividades coletivas e emancipatórias, a pesquisa também problematiza os limites dessas experiências frente às determinações mais amplas da racionalidade capitalista.

A segunda tese, *“Dos grandes objetos aos objetos de grandeza cidadã: interiorização do ensino superior público e ordenamento cívico-territorial na Amazônia paraense”* de **Helbert Michel Pampolha de Oliveira** (2025), defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU/NAEA/UFPA), analisa os processos de expansão e interiorização do ensino superior público no Pará. O trabalho sustenta que tais processos têm contribuído, ainda que de forma contraditória, para a ampliação da “geografização da cidadania”, ao mesmo tempo em que problematiza os impactos dos chamados “grandes objetos”, como hidrelétricas, rodovias e grandes empreendimentos sobre os territórios amazônicos. Como contraponto, a tese propõe a valorização de outros objetos e práticas, ancorados nos saberes locais e nas lutas sociais, apontando para a construção de possibilidades de um ordenamento territorial alternativo na região.

Na seção ARTIGOS E ENSAIOS DE TEMAS DIVERSOS reunimos textos que

aprofundam o debate sobre trabalho, classe social e educação a partir de uma perspectiva crítica. **Alexandre Lobo** no texto *Escola cívico militar: o conservadorismo para o neoliberalismo* analisa o modelo das escolas cívico-militares (ECIM), denunciando que, sob o discurso de melhoria da qualidade educacional, articula-se uma convergência entre conservadorismo e neoliberalismo. Ao situar essa proposta em um contexto de crescente desigualdade e precarização do trabalho, o autor argumenta que a disciplina militar é mobilizada como estratégia de adaptação dos indivíduos às exigências do mercado.

No artigo “*A centralização da gestão educacional como estratégia de (re)produção das relações sociais dominantes*”, **Raimundo Nonato Gaia Correa** analisa, a partir do materialismo histórico-dialético, como a centralização da gestão educacional no município de Cametá (PA) contribui para a reprodução das relações sociais dominantes. O estudo destaca que essa centralização limita a participação social e reduz as possibilidades de construção de políticas educacionais que atendam aos interesses coletivos, reforçando desigualdades estruturais.

No artigo “*Carta Internacional da Educação Física e Esporte UNESCO 2015: atualização do projeto neoliberal do século XXI*”, **Marcelo Melo e Emanuel Candal** analisam a atualização da Carta da UNESCO, situando-a no contexto do neoliberalismo contemporâneo. Os autores desvelam a contradição presente no documento, que, embora apresente as práticas corporais como instrumentos de inclusão e desenvolvimento humano, não enfrenta as determinações estruturais das desigualdades sociais, contribuindo para a atualização do projeto neoliberal no campo educacional.

Por fim, no ensaio “*Novos modismos pedagógicos para os velhos problemas*”, **Sayarah Carol Mesquita dos Santos** discute a persistência das desigualdades educacionais como expressão de determinações estruturais. Ao criticar o uso de metodologias ativas e avaliações instrumentais como soluções pontuais, o texto desvela os limites de abordagens técnicas descoladas de uma perspectiva crítica, reforçando a necessidade de pensar a educação a partir de seus fundamentos sociais e políticos mais amplos.

Na seção MEMÓRIA E DOCUMENTOS trazemos o texto *Territórios de luta: memória da cúpula dos povos rumo à cop 30* por **Alcidema Magalhães** (UFPA e do Comitê Dorothy Stang- PA) apresentando e refletindo sobre o documento final da Cúpula dos Povos intitulado “*Declaração da Cúpula dos Povos rumo à COP 30*”.

Antes de terminar essa apresentação da TN 53, agradecemos o acolhimento e a onipresença de **Lia Tiriba, Jaqueline Botelho e Lisia Cariello**, para uma proposta de número temático pautado num debate tão caro ao marxismo que é a abordagem do espaço. Também agradecemos a sua capacitada equipe de apoio técnico e tecnológico oferecida por **Lândhor Camello** e por **Betânia Cordeiro**.

A presença de uma discussão sobre **MARXISMO, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIOS DE LUTA** numa revista de base marxista não é nada trivial, muito embora já estejamos em meados da segunda década do século XXI, ainda é comum encontrarmos o ranço de uma certa leitura marxista que por vezes negou a importância e/ou a presença de uma abordagem espacial ou geográfica na obra de seu ilustre fundador. Por mais que diferentes pensadores, sobretudo, mas não somente, do campo da geografia, tenham apresentado uma contraposição a essa negação do espaço na teoria social crítica, naquilo que ficou conhecido como a “virada espacial”⁴– uma tentativa de superar a visão estabelecida do espaço como “o morto, o fixo, o não dialético e o imóvel” (Foucault, 1998) –, aqui procuramos reafirmar esse compromisso por meio de análises rigorosas que pautam a agenda de uma educação territorializada, produto e produtora de lutas em diferentes/múltiplos espaços e tempos.

Também entendemos que nessa quadra da história não se pode mais pautar a análise marxista somente a partir da compreensão das desigualdades sociais e da luta para sua superação. Por mais que ela ainda esteja na ordem do dia – talvez mais do que nunca –, não devemos fechar os olhos para outros territórios de luta, como os de outros sujeitos que em certa medida esteve fora das grandes formulações do campo teórico marxista, as mulheres, as raças, os ambientes, as sexualidades etc.

Convidamos à leitura e ao diálogo!

Belém, 04 de abril de 2026
191 anos da Cabanagem

⁴ Edward Soja (1993), ao buscar uma reafirmação do espaço e da geografia na teoria social crítica ao lado do tempo e da história, denominou esse movimento de superação da “desespacialização da teoria social” de virada espacial. Segundo ele, depois dos anos de 1960, houve uma redescoberta da importância da espacialidade da vida social, como resultado do encontro entre o marxismo ocidental e a geografia humana. Além da importante contribuição de Soja (1993) com a proposição da dialética espacial, não se pode deixar de mencionar as importantes contribuições de David Harvey (2020) com seu materialismo histórico-geográfico e sua geografia da acumulação capitalista, de Milton Santos (2008) com sua formação socioespacial e de Neil Smith (1989) com seu desenvolvimento geográfico desigual. .